

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



EPINÍCIO 11 DE BAQUÍLIDES
A ALEXIDAMO DE METAPONTO
LUTA DE RAPAZES, JOGOS PÍTICOS

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Universidade de Coimbra

fanp@ci.uc.pt

Resumo

Esta é uma ode voltada para essa bela e excelsa Vitória que, do prémio de um mortal concreto, Alexidamo atleta de Metaponto, ascende ao estatuto de uma força cósmica, que distribui sucesso a deuses e a mortais. Como é também uma lição de vida voltada para um milagre que só o tempo realiza: o de converter anos de esforço em façanhas dignas de eterna glória.

Palavras-chave: *arete*, jogos, Tirinte, Arcádia, Metaponto.

Abstract

This is a poem addressed to beautiful and superior Victory, which from the prize of a concrete mortal, Alexidamus of Metapontus, grows up as a cosmic force, sharing success among gods and men. It is also a paradigm of life, based on a miracle that only time is able to produce: to obtain, from a long effort, an eternal glory.

Keywords: *arete*, games, Tiryns, Arcadia, Metapontion.

Estrofe 1

Vitória de doces benesses, foi a ti que o deus pai, filho de Úrano, do seu trono elevado, concedeu a honra de, no Olimpo refulgente de oiro, de pé junto de Zeus, decidires, para imortais e mortais, os limites da excelência que possuem.

Sê-nos propícia, ó filha da Estige justiceira, de sombrias tranças senhora. É graças a ti que, hoje também, Metaponto, essa cidade honrada pelos deuses, se enche de jovens de músculos vigorosos; em celebrações e na alegria das festas, cantam o vencedor pítico, o notável filho de Faísco.

Antístrofe 1

Com olhar benévolo, acolheu-o o filho, em Delos nascido, de Latona de cintura esbelta. Inúmeras, em volta de Alexidamo, choveram, na planície de Cirra, as coroas de flores, pelo vigor que demonstrou na luta em que a todos venceu. Não o viu o sol, nesse dia pelo menos, tombar por terra. E eu posso garantir que também, na terra sagrada do divino Pélops, nas margens do Alfeu de belo curso, não tivesse alguém violado o caminho da recta justiça, e da oliveira

Epodo 1

prateada, a todos hospitaleira, ele teria coroados os cabelos, antes de regressar à sua terra criadora de novilhos ... Pois nesse belo recinto de Olímpia, derrubou mais de um rapaz com as subtis estratégias que domina. Ou foi culpa de um deus, ou das mentes distorcidas dos homens; certo é que viu o mais alto galardão escapar-se-lhe das mãos.

Mas hoje a caçadora, Ártemis, a deusa da roca de ouro, senhora da paz, a gloriosa atiradora, concedeu-lhe uma vitória fulgurante. Deusa a quem um dia o filho de Abante e as suas filhas de vestes formosas ergueram um altar, que mil preces veio a acolher.

Estrofe 2

Tinha-as expulsado, tomadas pelo pânico, da encantadora mansão de Preto, Hera toda poderosa, que o espírito lhes subjugou à força impositiva da loucura. Já que, na sua irreverência de donzelas, se dirigiram ao templo da deusa cingida de púrpura; e aí declararam que os tesouros de seu pai em muito excediam os da loira esposa de Zeus, augusto e soberano. Num ímpeto de cólera, em seu peito a deusa insinuou ideias que as fizeram regredir no seu caminho. Partiram então em fuga para a montanha frondosa, soltando gritos pavorosos.

Antístrofe 2

Para trás ficou a cidadela de Tirinte, com as suas ruas, obra de mãos divinas. Há dez anos já que nela habitavam, depois de deixarem Argos cara aos deuses, os heróis de couraças de bronze, a quem o grito de guerra não assusta, com o seu muito invejado soberano. Pois que, de uma causa sem relevo, uma insuperável querela cresceu entre irmãos, Preto e Acrísio. Aos povos traziam a ruína, com dissensões inúteis e deploráveis conflitos. Daí terem suplicado os filhos de Abante, senhores de uma terra próspera em grão,

Epodo 2

que dos dois o mais jovem se instalasse em Tirinte, antes que se afundassem numa miséria sem apelo. Zeus Crónida, que estimava a raça de Dânao e de Linceu condutor de cavalos, anuiu a pôr fim a essa angústia tremenda. A muralha, coube aos soberbos Ciclopes construí-la, para glória da cidade – um primor de beleza. Lá habitaram, semelhantes a deuses, heróis entre todos famosos, após partirem da gloriosa Argos onde pastam cavalos.

Foi daí que fugiram, em corrida, as donzelas de cabelos negros, filhas de Preto.

Estrofe 3

Pobre soberano, de coração apertado de angústia, que se viu ferido de estranha apreensão. Resolveu então cravar no peito uma espada de dois gumes. Susteve-o o seu corpo de lanceiros, com palavras apaziguadoras e pela força dos seus braços. Ao longo de treze meses, sem quebra, delirantes, pela sombra espessa dos bosques, vaguearam; por fim, através da Arcádia que rebanhos alimenta, andaram fugidas. Até chegar o dia em que seu pai atingiu a nascente do Lusos, o rio de bela corrente. Aí, feitas abluções, à filha de Latona de olhos profundos, nos seus véus de púrpura,

Antístrofe 3

ele invocou, as mãos erguidas para os raios de sol, senhor de rápidos corcéis. Suplicou-lhe que as filhas libertasse da funesta loucura, seu tormento: ‘Sacrifico-te vinte bois de pêlo fulvo, que jamais o jugo conheceram’. Ouvia-o a deusa, filha do supremo pai, a caçadora, atenta à sua prece.

Logo persuadiu Hera a libertar as jovens, coroadas de rosas, de uma demência a que os deuses são alheios. E elas lhe dedicaram um santuário e um altar, que untaram do sangue das ovelhas, onde estabeleceram coros de mulheres.

Epodo 3

De lá seguiste, em companhia dos guerreiros aqueus, amantes de Ares, para a cidade criadora de cavalos. Em boa hora vieste habitar Metaponto, ó dourada senhora dos povos! O bosque deleitoso, junto às formosas águas do Casa, criaram-no, em tua honra, os nossos avós ... Quando, mais tarde, por desígnio dos deuses bem-aventurados, saquearam a sólida fortaleza de Príamo, em aliança com os Atridas de bronze couraçados. Quem tem sentido de justiça descobrir pode, com a consumação das eras, os feitos incontáveis dos Aqueus.

Em data desconhecida, Baquílides dedicou este epinício a Alexidamo, jovem de Metaponto¹, cidade próspera da Magna Grécia, vizinha de Síbaris sobre o golfo de Tarento, que, menino ainda, venceu, nos Jogos Píticos, a prova de luta para rapazes.

Desta vez o poeta apaga-se, na qualidade de mero testemunho, para ceder a ribalta do sucesso aos seus artistas mais directos: antes de mais à deusa da Vitória, depois ao vencedor, senhor já, apesar dos verdes anos, de assinaláveis proezas.

É o tom sacro que se impõe na abertura do poema, onde é traçada a imagem da excelência divina. Estática ao lado do deus supremo (cf. Hesíodo, *Téogonia* 383-388) como procuradora da sua excelsa autoridade, distante nas alturas do Olimpo, esplendorosa na luz divina que a envolve, a Vitória não regateia aos seus eleitos as benesses. Com três epítetos de recorte fino, o poeta sublinha as cores essenciais desta rara epifania, que a generosidade ('de doces benesses'), o resplendor sagrado ('refulgente de oiro') e uma beleza ímpar ('de sombrias tranças senhora')² ornamentam.

¹ Esta ode tem a particularidade de ser a única, composta por Baquílides, a galardoar um atleta da Magna Grécia que não provenha da Sicília. Também Píndaro raramente excedeu os limites desta ilha de prosperidade (*Olimpicas* 10 e 11, consagradas a Hagesidamo de Locros).

² Estes são qualificativos de uso raro, de que Baquílides, ao que podemos saber, foi pioneiro; *glykydoros* (cf. B. 3. 3, 5. 4) e *bathypiókamos* só tardiamente, e em

É este, de resto, o único, dos cantos de celebração que conservamos, que dá à Vitória a primazia absoluta na sua abertura. Nos seus contornos, porém, esta bela e excelsa Vitória ascende, do prémio de um mortal concreto, Alexidamo atleta de Metaponto, ao estatuto de uma força cósmica, que o sucesso distribui a deuses e a mortais. Conjuga-se, no seu plano mais elevado, o que seja o sentido de ‘vencer’, num daqueles momentos raros em que a fronteira entre a excelência divina e humana se esbate.

Das alturas, os olhos baixam ao mundo dos mortais, hoje com capital em Metaponto, onde a festa e a celebração selam, num gesto colectivo, a glória do triunfo. A marca dominante, numa cidade que se agita em alegria, é a de uma promissora juventude, tenaz e vigorosa, garantia de perenidade no futuro. E a fechar a sequênciã, que de um plano universal se cerra até incidir, na sua individualidade, sobre a criatura humana, uma última palavra distingue o vencedor, onde a menção de Delfos, unida ao nome do seu progenitor, encerram a cadeia inquebrável de um trajecto de glória, que ilumina o ser humano, família e cidade a que pertence, de um fulgor que se irradia do umbigo do universo, a sacra Delfos.

Em recuo, partimos, da celebração, até ao momento da vitória, que é também a mais recente etapa na carreira do atleta. Não foi só Apolo, na sua sábia benevolência, a agradecer a superioridade do vencedor. Baquíledes mostra também o entusiasmo da multidão (cf. 3. 9, 5. 48, 10. 24-25), que se manifesta na profusão de flores com que o distingue. Nem sempre, porém, a vitória coroou as qualidades e apurada técnica (cf. v. 33) deste atleta. O sucesso de hoje, a que não é estranha a mão da Estige justiceira, da Vitória progenitora, veio de alguma forma reparar a injustiça antes sofrida em Olímpia, há talvez dois anos, que privou, já então, a superioridade deste concorrente da distinção que lhe era devida. Em excurso algo raro nos cantos de triunfo³, Baquíledes recorda também a derrota que, apesar do seu sabor amargo, não deixou de comportar alguma glória; o recinto onde ocorreu era o da máxima excelência, o *temenos* sagrado do pai dos deuses, Olímpia; e o insucesso, se amargo, poderá não ter sido da responsabilidade do atleta, mas devido a outra ordem de factores.

ocorrências pontuais, reaparecem. Outros há, porém, como *polychrysos*, portadores de um paladar épico (cf., e. g., *Il.* 10. 315, 11. 46).

³ Além da *Il.* 23. 382-397, o tema da derrota reaparece em *B.* 4. 11-13, e ainda em *Pi.*, *N.* 6. 61-63, 11. 22-29.

Sem ilibar o capricho divino – quem pode conhecer os insondáveis desígnios dos deuses!⁴ –, o poeta faz-se eco das suspeitas que envolveram o lamentável resultado; aí a mente humana, acessível ao erro e à falsidade, talvez tenha infringido as regras do concurso e privado do prémio o lutador. Por isso a vitória agora conseguida sabe a reparação e denuncia o toque soberano e imprescindível da justiça.

Ártemis, cumulada dos epítetos que desenham o seu perfil divino, que a tradição consagrou contrastante – o arco que lhe dá a excelência como deusa caçadora e selvagem, enquanto a roca de ouro a associa às tarefas femininas e a uma normalidade socializada⁵ –, desempenhou, neste sucesso, relevante papel. Como padroeira de Metaponto, terra natal do vencedor, a deusa serviu de procuradora, junto de seu irmão Apolo, dando à vitória e à reposição da justiça o seu patrocínio. Através de Ártemis alarga-se também o horizonte helénico que subjaz ao poema, com a inclusão de Lusos, na Arcádia, onde a senhora da paz tem um culto,

⁴ É sugestiva a ideia de articular esta ambígua intervenção divina com a que Hera, adiante, exerce sobre as filhas de Preto. Poderá ganhar assim maior razão o reparo de J. A. Segurado Campos (1996), “Baquílides 11: arquitectura de um epinício”, *Classica* 21: 16 de que uma punição vinda dos deuses contra Alexidamo faria sentido se, em vez de vítima, fosse ele o culpado, na forma como terá procurado obter, deslealmente (‘com subtis estratégias’, v. 33), vantagem sobre os rivais. Onde esteve, de facto, a razão deste insucesso olímpico: nos adversários? No próprio Alexidamo? Nos juízes da prova?

⁵ *Agrotéira*, que alude à caça e à vida selvagem, é um qualificativo próprio de Ártemis (cf., *Il.* 21. 470–471; *B.* 5. 122–124); *chrysalákatos*, ‘de roca de ouro’, que já Homero (*e. g.*, *Il.* 20. 70) dedica à mesma deusa, e Píndaro (*O.* 6. 104, *N.* 5. 65, 6. 62) a divindades femininas, repete-se em Baquílides como epíteto das Graças (9. 1). A designação de *Hémera*, ‘senhora da paz’, existe numa inscrição encontrada na Arcádia (*IG V 2.* 403), como epíteto próprio de Ártemis de Lusos. F. G. Romero, *Baquílides. Odas y fragmentos* (129 n. 10) destaca este último como o qualificativo mais relevante dos que o poeta aqui reúne, por ser exactamente aquele que articula a figura do atleta com o mito que anima o epinício. Por fim, *toxókytos*, ‘gloriosa atiradora’, criado à semelhança de outros epítetos épicos e líricos, é de ocorrência única em Baquílides e só muito mais tarde de novo registado. Neste passo, a alternância quiástica é falante: agressiva a deusa, os qualificativos que lhe exprimem a violência encerram também, no círculo que limitam, a alusão à suavidade, feminina e generosa, da irmã de Apolo.

conhecido e popular (96). Inspiradora do mito que alimenta grande parte deste poema, a relação entre o santuário arcádico e a vitória de Alexidamo é o motivo que permite a fusão que a bela Ártemis, senhora de Metaponto e de Lusos, consuma. Mas alargado é também o consenso que coloca na deusa, e na sua natureza ambivalente, o cerne dicotômico do sentido da ode, no que é a sua simbologia mais profunda: como a vida urbana e organizada pela sociedade dos homens se opõe a um padrão selvagem e violento, ou, se quisermos, o esforço civilizacional, de rigor e de exigência, que converte a natureza bestial que subjaz em cada criatura, num padrão sedentário de existência, previsto e organizado.

O mito tem, neste poema, espaço alargado, preso a dois momentos da saga de Tirinte: às filhas de Preto, soberano da cidade, que a tradição culpou de *hybris*. Incapazes de conter a arrogância a que o ser humano é susceptível, as jovens ousaram desafiar, certas da prosperidade de seu pai, a própria Hera e comparar ao Olimpo a mansão régia. Um novo acumular de epítetos sobre esta deusa – ‘cingida de púrpura’⁶, ‘a loira esposa de Zeus, augusto e soberano’ – desloca agora, para outro pólo divino, a condução dos acontecimentos. A história tem contornos conhecidos, como exemplo de lendas que confrontam o orgulho humano com a justiça vingadora, violenta mas necessária para repor a ordem universal. Talvez houvesse no entanto, sob a insensatez do paralelo, um erro mais profundo, aquele que traduzia a resistência das jovens em cortarem amarras com a casa paterna, para aderirem ao espaço de uma deusa, a soberana Hera, patrocinadora de bodas. Pela rejeição culpada do percurso traçado para a mulher, que se recusavam a aceitar, como de um são convívio com a autoridade divina, que pareciam incapazes de reconhecer, as Prétides mostravam falta de um sentido cívico, de que depende a vida da comunidade. Vedou-lhes então a deusa o recuo desejado ao lar paterno, ou seja, os elos que as ligavam à imaturidade. Contra elas ditou, como castigo, a loucura e o exílio que, durante um tempo de delírio, como se a vida lhes sofresse doloroso adiamento, lhes proporcionou a expiação.

⁶ *Porphyrózonos* é um epíteto que só tardiamente reaparece. Mas o cinto de Hera, presente de Afrodite (cf. *Il.* 14. 214–217), é conotado, já em Homero, com a ideia de vibrante colorido (*poikílos*).

Reduzidas à atitude selvagem de animais que bradam, em gritos irracionais, os seus impulsos, as jovens sujeitaram-se à vontade divina, numa fuga compulsiva, que só um tempo de errância interrompeu. Em vez de um novo lar, de ordem e de afecto, mergulharam no mundo selvagem e inquieto, o reino de Ártemis; coube, por isso, à deusa caçadora, obter mais uma vez indulgência e patrocinar o regresso à tranquila normalidade das prevaricadoras; ou não fosse ela a deusa Hémera, a senhora da paz.

Por trás deste episódio espreitamos a grandeza de Tirinte, terra natal das pecadoras, como bastião pujante em tempo de heróis, a que ascende a sua fundação. Baquílides deita mão ao recuo no tempo, antes de fechar, em anel, a história das filhas de Preto, para encarcerar, em outro anel concêntrico, o mito que relata o nascimento da cidade. Em dois movimentos, temporalmente articulados, Tirinte recebia, como extensão de Argos, os seus fundadores, e projectava, na Arcádia, através de Preto e suas filhas, um novo raio de influência. Dois momentos que obedecem, na versão poética, a um jogo estudado de simetrias. Ligados pelo tempo, prosseguem também em trâmites simétricos: o da ira e da loucura insensata, que traz miséria e dor; nela radica, através da prece que suscitam, apaziguadora, a intervenção divina, até à construção (da cidade ou do templo) que encerra, em estabilidade e segurança, a nova ordem a custo conseguida. De alguma forma, uma harmonia se encontra entre o processo mítico e a experiência do homenageado: eis que, sofrido pela perda de um galardão olímpico que lhe foi negado, também ele, com a vitória píica, alicerça agora uma carreira de sucesso.

Obedeceu o surgir da nova cidade a regras que a tradição estipulava. Não lhe faltou o patrocínio divino, que o próprio Zeus entendeu conceder-lhe; mas, além da vontade suprema, forças humanas se moveram com vista ao mesmo sucesso. Argos interveio como ponto de partida, de onde os filhos de Abante, Preto e Acrísio, eram naturais. Foi a querela que entre ambos se instalou (ímpia, desde logo, por fratricida) e a ruína para que iam arrastando o povo argivo, a razão que ditou a necessidade de encontrar, para um dos desavindos, um novo reino. A solução apareceu em território vizinho, o de Tirinte, e teve o beneplácito de Zeus⁷; braços ciclópicos lhe

⁷ Zeus é mencionado como ascendente da casa real de Argos e, por isso, directamente interessado em apaziguar a querela. Dele descendia Dânao, a quem no trono sucedeu Linceu, seu sobrinho e genro, marido de Hípermestra, a única

construíram as muralhas grandiosas, que a força humana parecia impotente para erguer (58, 77-79). Ao lado da rica e fértil Argos, surgia, sob o fulgor de uma boa estrela, a solidez grandiosa de Tirinte (cf. Apolodoro 2. 2. 1; Estrabão 8. 6. 11). Metrópole e colónia ganham, com o feliz desfecho, uma auréola de notoriedade, que uma concentração de epítetos valoriza (77-81); as muralhas de Tirinte, que coube ‘aos soberbos Ciclopes construir para glória da cidade’, são a réplica de uma ‘gloriosa Argos’, onde os seus fundadores tinham origem. Ao mesmo tempo, através da nova cidadela, a paz regressava à perturbada Argos; enquanto, na bela Tirinte, ‘heróis, semelhantes a deuses’ pareciam integrar um foco de civilização, onde a vida secular e a sagrada iriam conviver em harmonia.

Prosegue agora, com feliz desfecho, a história exemplar das filhas de Preto. Depois de uma angústia extrema, incentivadora de morte, de que a dedicação dos seus homens o salvou, Preto iniciou, pela Arcádia, a busca das filhas. Simbólicos treze meses foram o tempo de uma expiação que a cólera divina exigia. Veio depois o momento da purificação, que é também o *aition* de um culto a Ártemis, a procuradora de um pai aflito junto de uma Hera ciumenta. Em honra da deusa caçadora, Preto instituiu um novo ritual. Como lugar perfeito para Ártemis, a Arcádia ofereceu-se para acolher, viçosa nos seus bosques frondosos (55-56, 93), exuberante de pastagens e de gado (94-95), vivificada pelas correntes frescas das nascentes (96)⁸. Na pujança espontânea da natureza, por contraste com as muralhas e ruas de Tirinte, abre-se um quadro de sacra piedade, ferida agora pela púrpura e pelo ouro, sinais expressos da presença do divino. Foi junto às águas purificadoras do Lusos que Preto, num rasgo de piedade, também ela em tudo oposta à arrogância das donzelas, deu início ao ritual. Depois de banhado na nascente pura, ergueu as mãos ao céu. O gesto iluminou-se do raio dourado de um sol brilhante, numa prece a Ártemis, que o poeta

das Danaides a poupar a vida do esposo. Foi Linceu o progenitor de Abante, pai, por sua vez, de Preto e de Acrísio (cf. Apolodoro 2. 2. 1).

⁸ Baquilides prima no requinte dos adjetivos e na objectividade dos topónimos para dar, do culto arcádico de muitos conhecido, uma tela fiel. *Taniphyllous*, ‘frondoso’, é de ocorrência rara em Homero (*Od.* 13. 102, 346, 23. 190); *melotróphos*, ‘alimentadora de rebanhos’, de uso escasso, com sabor lírico e trágico. À paisagem junta-se a menção concreta da ‘nascente do Lusos’, pelo próprio nome sugestiva da ‘ablução purificadora’.

lembra ‘nos seus véus de púrpura’ (98-101)⁹. Balbuciou a prece, para que a paz regressasse ao espírito atormentado das jovens enlouquecidas. Às palavras proferidas em nome da arrogância (50), que exigiram castigo, expresso em gritos pavorosos (56) de demência, substituiu-se agora o apelo, sensato, racional e articulado (99-107), que anuncia a pacificação; como se o uso da linguagem, em fluidez permanente e contrastante, constituísse um subtil suporte ao sentido essencial do episódio. Prometeu também sacrifícios, de vinte bois, ‘que não conheceram o jugo’, em substituição das moças, elas também ‘insubmissas’ ao casamento, ou seja, ainda donzelas¹⁰.

E a deusa ouviu-o, dos recessos do seu mundo selvagem, mas sem perder, com o seu excelso pai – Zeus do Olimpo –, o contágio de uma justiça magnânima. Do milagre de paz que então aconteceu, surgiu o *aition*, a motivação para um culto popular, a festa de Ártemis *Hemerásia*, a senhora da paz. Fechando, em anel, a sua história (cf. 40-42, 110-112), Baquilides dá os contornos de uma festa, sacrifícios e danças animando o santuário e o altar da deusa caçadora.

Faltava ainda consolidar os elos que aproximam, da Arcádia, Metaponto, a terra natal do vencedor, ao mesmo tempo que o mito cede à história. A encerrar o canto, o poeta relembra o momento em que, terminada a guerra de Tróia, os Aqueus vieram, sob o patrocínio da deusa, fundar, no solo de Itália, a nova cidade (cf. Estrabão 6. 1. 15); o que é mais um exemplo apenas de fundações distantes, de que os Aqueus são a origem, no seu retorno errante após a guerra. Em comemoração dos seus feitos, transpuseram da Grécia para as franjas da civilização o mesmo culto, com que as filhas de Preto saudaram a sua redenção¹¹. Só poderia a deusa rejubilar com o novo espaço que se abria ao seu culto, tão semelhante, nos contornos, à Arcádia de onde partia; os mesmos bosques frondosos (118),

⁹ *Phoinikokrádamnos* (98; cf. 13. 222), que Baquilides criou para retratar a divindade feminina, Ártemis e as Musas.

¹⁰ Esta conexão entre as vítimas bovinas e as donzelas que simbolicamente substituem é pelo poeta reforçada com o paralelismo dos epítetos: de ‘cabelos negros’ (*kyanoplókamos*, 83; cf. 5. 33, 9. 53) as Prétides, de ‘pêlo fulvo’ (*phoinikóthrix*, 105) os animais.

¹¹ A tradição atribui a diversos grupos de Aqueus esta fundação: a Nestor de Pilos (Estrabão 6. 1. 15); a Épio de Élida (Veleio 1. 1); ou a um conjunto de Aqueus que veio intervir num conflito entre Síbaris e Tarento (Antíoco, *FGrHist* 555 F 12; Lívio 25. 15. 7).

as pastagens (114) e as águas frescas das correntes (119)¹², que exibiam a vitalidade do lugar, emoldurando o culto à nova padroeira.

É sob este tom divino que o poeta encerra a ode, sem voltar – omissão única nos epinícios – ao elogio expresso do vencedor, mesmo assim presente no brilho sacro de uma pátria abençoada, Metaponto. Mais ainda, uma espécie de *gnome*, não tão explícita como os cânones recomendam, se condensa nas palavras finais; nela se encerra o segredo que permite, pelo esforço e sofrimento, atingir a glória. O paralelo é, indirectamente, elogioso para o jovem Alexidamo, porque aproxima o seu empenho, de resultados lentos embora, do obtido pelos Aqueus em Tróia; apesar de não omitir, num vago ‘quem tem o sentido da justiça’, um sabor a reprovação que regressa (dirigido aos juízes? Ao atleta, na sua irreverência adolescente?). Seguro é o valor dessa mesma equidade, um dos tópicos de sustentação do poema, ao lado de um sentido de civismo, que o não é menos da humana ventura e segurança.

Só o tempo realiza o milagre de converter anos de esforço, outrora em Tróia como agora no *agon* desportivo, em façanhas dignas de eterna glória. ‘Por isso Baquíledes usa o seu canto para proclamar Alexidamo e a verdade que ele, felizmente, constatou: que o mais penoso dos sofrimentos (maior ainda do que uma derrota em Olímpia) pode ser simplesmente apagado por efeito de uma única palavra, aquela mesma com que o próprio Baquíledes iniciou o poema: Vitória’¹³.

¹² Também neste caso a força dos epítetos se combina com a precisão dos topónimos; cf. *supra* nota 8. *Hippotróphos*, ‘criadora de cavalos’, e *éuhydros*, ‘de formosas águas’, instalam um tom profundamente lírico no conjunto. Ao quadro poético associa-se, num traço de realismo, a referência ao rio Casa, que corre a oeste de Metaponto (cf. Plínio, *História Natural* 3. 15. 3), hoje Basento. Aos comentadores não escapou também (cf. J. Stern, ‘Bestial imagery in Bacchylides’ *Ode* 11’, *Greek, Roman and Byzantine Studies* 6 (1965) 280) que a insistência em adjectivos com os elementos *-botos* ou *-trophos*, ligados à ideia de ‘criar ou alimentar’, impõe, no convívio com a natureza, a submissão organizada a um padrão doméstico de interferência na vida animal, que marca a fronteira entre a animalidade solta que povoa os bosques, e o modelo pacificado de que a civilização é a artífice.

¹³ R. Garner (1992), ‘Countless deeds of valour: Bacchylides 11’, *CQ* 42. 2: 525.